

ENTRE FICÇÃO E HISTÓRIA: ISABEL, A RAINHA SANTA DE PORTUGAL

Aldinida MEDEIROS¹

RESUMO: Neta do grande rei D. Jaime I, de Aragão, filha do infante D. Pedro III, esposa de D. Dinis, rei de Portugal, cognominado lavrador e trovador, rainha canonizada pela Igreja Católica, Isabel de Aragão tem, além de inúmeros estudos de cunho histórico e hagiográfico, alguns romances sobre sua vida de rainha santa e pacificadora. Levando-se em consideração que a contemporaneidade continua buscando figuras e mitos medievais, o romance histórico contemporâneo promove uma retomada de textos escritos sobre diversos períodos, reconstruindo e relendo o passado. Pretende-se, nesse estudo, apresentar a versão de dois romances históricos que retomam este tema do medievo: *Isabel de Aragão, rainha santa* (2011), da autoria de Vitorino Nemésio, e da autoria de António Cândido Franco, *Os pecados da rainha Santa Isabel* (2010), que retomam o perfil e a história dessa rainha, que dentre outros feitos deu continuação às obras do convento de Santa Clara, em Coimbra, apesar de contrariar algumas ordens religiosas portuguesas.

Palavras-chave: Isabel de Aragão; Romance histórico contemporâneo; Vitorino Nemésio; António Cândido Franco

ABSTRACT: Granddaughter of the great king James I of Aragon, daughter of prince Pedro III, wife of D. Dinis, king of Portugal, surnamed farmer and troubadour, canonized by the catholic queen, Isabel of Aragon has, besides numerous studies of historical and hagiographical, some novels about his life of saintly queen and peacemaker. Taking into consideration that the contemporary figures and continues to seek medieval myths, the contemporary historical novel promotes resumption of texts written over several periods, rebuilding and re-reading the past. It is intended, to study and show, the two versions of historical novels that take up this theme of the Middle Ages: *Isabel de Aragão, rainha santa* (2011), by Vitorino Nemesio, and by António Cândido Franco, *Os pecados da rainha Santa Isabel* (2010), taking over the profile and history of this queen, who among others has made continuing the works in the Santa Clara Convent in Coimbra, although confront some religious orders portugueses.

Keywords: Isabel of Aragon; Novel contemporary history; Vitorino Nemésio; António Cândido Franco

A situação histórica é sempre tão confusa, tão apagada, tão manietada por interesses estranhos, com tantas reescrituras posteriores, que só a ficção dum romance pode dar espessura e nitidez ao traço.

António Cândido Franco

Isabel, infanta aragonesa nascida no século XII, rainha consorte de Portugal, ficou mais conhecida pelo milagre das rosas. Este bem como outros milagres levaram-na à canonização. A vida dessa mulher considerada piedosa, mediadora, peregrina e, também,

¹ Professora da Universidade Estadual da Paraíba. Doutora em Literatura Comparada (UFRN) com doutorado-sanduíche em Portugal, sob a orientação do Prof. Dr. António Cândido Franco (Universidade de Évora).

intercessora na política dos reinos pensinsulares já é, por si mesma, um enredo romanesco. O presente artigo² trata de como o romance histórico contemporâneo traz a imagem de Isabel de Aragão, retomando a historiografia da Península Ibérica. Para tal, escolhemos uma comparação entre as figurações no enredo de *Isabel de Aragão, rainha santa*, da autoria de Vitorino Nemésio (2011); e *Os pecados da rainha Santa Isabel*, de António Cândido Franco (2010).

Convém iniciar lembrando que, em tempos de grande expansão do gênero romanesco, o romance histórico tem, a partir da segunda metade do século XX, retomado com força o passado e a História. Constata-se uma vasta produção literária que em diversos países vem em um crescimento constante. Essa retomada acontece, principalmente, como decorrência da condição que o romance tem de reconstituir a História e o passado. Nos dois romances históricos objeto de estudo, chama-nos a atenção as fundamentações apontadas por Linda Hutcheon (1991) de que o romancista insere diversos comentários, através do narrador, ao longo da construção narrativa. Tais comentários caracterizam, portanto, a metaficção. Tanto em um romance como no outro, encontram-se estes comentários, embora encontremo-los muito mais em *Os pecados da rainha Santa Isabel*.

Para Hutcheon (1991), há uma troca de influências entre a redação da História e o romance histórico, pois, assim como os romancistas, “muitos historiadores utilizaram as técnicas da representação ficcional para criar versões imaginárias de seus mundos históricos e reais [...]” (p. 142). Por isso, a autora acrescenta que “a história e a ficção sempre foram conhecidas como gêneros permeáveis. Em várias ocasiões, as duas incluíram em suas elásticas fronteiras formas como o relato de viagem [...]”. (HUTCHEON, 1991, p. 143). Isto porque, História e literatura se utilizam uma da outra de forma natural. Assim, com base nos estudos históricos de Fernando de Barros Leite, António de Vasconcelos e Francisco da Fonseca Benevides, observamos nos romances históricos supracitados como a figura de Isabel de Aragão é elaborada na ficção.

Sobre a data do nascimento, Francisco Benevides (2011) aponta que foi a 4 de junho de 1271. Não se sabe ao certo a cidade foi Barcelona ou Saragoça, pois a família teria residido nas duas cidades nesse ano. Benevides informa também sobre uma lenda – a qual António Cândido Franco leva para sua narrativa ficcional – de que Isabel nasceu envolta numa pele, e este fato foi tomado por todos os presentes, durante o parto, como um anúncio, um milagre. Talvez, por isso, seu nascimento tenha sido muito festejado. Ela

[...] foi baptizada com grande pompa no templo metropolitano do Salvador. Foi-lhe posto o nome de Isabel por alvitre de D. Violante, que propôs que a sua neta tivesse o nome, além do sangue, da sua irmã, Santa Isabel da Hungria, que tinha sido canonizada. (LEITE, 1993, p. 27).

A infanta aragonesa nasceu conciliadora, pois o estigma das discórdias familiares fará parte de sua vida até o fim. Inicialmente, a discórdia entre o pai e o avô, depois o marido e o cunhado e, mais pesarosa para ela a discórdia entre o marido e o filho quando este adulto, o infante D. Afonso IV. Sua trajetória mostra que estava fadada a conciliar os familiares em diversas fases de sua vida. Sabe-se que foi a neta mais querida do rei D. Jaime e pela proteção do avô tornou-se a pérola da casa real de Aragão. Fernando Barros Leite traz informação que

A esta, mais do que aos outros netos, o seu avô, Jaime I de Aragão, mostrou mais afeição e, para a ter junto de si, levou-a para sua casa, encarregando-se da sua

² Este artigo é parte resultante da pesquisa PIBIC (UEPB/CNPq) *Representação feminina no romance histórico contemporâneo: o perfil de Isabel de Aragão, a rainha santa em três romances*, desenvolvida com a participação da orientanda **Simone Alves dos Santos**.

criação e educação, com especial cuidado. Dizia orgulhosamente que ela seria a mais nobre e honrada dona que sairia da ‘Casa de Aragão’. (1993, p. 28)

Partindo para a ficção, observa-se que cada romancista vai privilegiar um ou outro aspecto da figura histórica de Isabel, a partir da sua mundivisão, porque cabe à metaficção historiográfica preencher as lacunas da História. Nesse sentido, Hutcheon (1991) aponta que “Tanto os historiadores quanto os romancistas *constituem* seus sujeitos como possíveis objetos de representação narrativa [...]. E fazem por meio das próprias estruturas e da própria linguagem [...]” (p. 149). Portanto, perceberemos, nos romances em discussão, uma visão ainda mais voltada à historiografia, por parte de Vitorino Nemésio, bem como uma visão mais depreendida desta, permitindo mais “asas” ao enredo ficcional à figura da rainha na escrita de António Cândido Franco.

Com o propósito de apresentar esta figura histórica, o romance *Isabel de Aragão a rainha Santa*, da autoria de Vitorino Nemésio se vale do discurso biográfico traçando seus principais passos como infanta aragonesa e rainha de Portugal. Seu romance, publicado em primeira edição no ano de 1936, traz um discurso com algumas mudanças do que até então se tinha na escrita de romances históricos do chamado período tradicional. O relato é curto, uma narrativa de tom rápido, com a história de toda uma vida resumida aos principais episódios que se encontram na historiografia. Apesar da concisão, o romance tem um vigor que, em muito, lembra o estilo do conto: é curta, porém densa.

Quanto ao romance de António Cândido Franco, *Os Pecados da rainha santa Isabel* (2010), com grandes diferenças em relação ao de Nemésio, é dividido em sete longos capítulos, nos quais os fatos apresentados acerca da Rainha são permeados por diálogos entre as personagens. Como ponto alto esta narrativa traz uma retomada da Europa Medieval, observando as batalhas entre os guelfos e gibelinos, e mostrando os conflitos entre grandes reinos europeus, a fim de mostrar a ascendência gibelina – pois, de acordo com o narrador, começariam aí os pecados da rainha Isabel – para depois narrar o nascimento, o casamento com D. Dinis e sua vida em Portugal.

O romance de Nemésio pode ser analisado como integrante de um período de transição entre o romance histórico tradicional e o contemporâneo, denominação esta dada a partir dos estudos da pós-modernidade. Maria de Fátima Marinho (1999), ao reiterar o ponto de vista de Lukács sobre romance histórico, nos proporciona o entendimento de que o romance de Nemésio pode ser analisado assim, por apresentar diversas características pertencentes ao gênero. Desse modo, esta estudiosa do romance histórico português apresenta que “[...] não interessa a repetição de grandes acontecimentos históricos, mas uma espécie de ressurreição poética dos seres humanos que deles fizeram parte.” (MARINHO, 1999, p. 22). É esta ressurreição poética da qual fala a autora que podemos encontrar nos romances aqui em discussão. Como o romance de Nemésio traz em seu conteúdo observações sobre a rainha Isabel, comentários e, de certa, forma reflexões críticas em seu discurso biográfico, ele constrói um discurso que se aproxima da caracterização de um romance pós-moderno, como nos aponta Marinho:

[...] O tipo de discurso de Nemésio, cheio de comentários ou de reflexões e de uma ou outra incerteza, baseada na impossibilidade do conhecimento efectivo, aproxima-se da metaficção historiográfica pós-moderna [...]. (MARINHO, 1999, p. 132)

Já o romance *Os pecados da rainha Santa Isabel* (2010) pode ser caracterizado como contemporâneo, pois constrói um discurso inovador a respeito da rainha Isabel. Retrata-a de forma crítica apontando comentários interessantes a cerca do seu legado, fazendo com que o leitor compreenda de forma crítica sua história, possibilitando uma nova versão dessa

personagem e do tempo passado em que viveu. Além disso, utiliza-se de recursos estilísticos tais como, a ironia, a metáfora, entre outros para configurar maior relance ao fato histórico em meio ao discurso ficcional. Como o próprio autor salienta “[...] é um *conto* da sexta rainha de Portugal, [...]. Não me interessou fazer História, mas contá-la”. (FRANCO, 2010, p. 383).

Nesse aspecto o autor enfatiza a importância em sua obra da imaginação e da liberdade da ficção para reconstruir uma figura histórica a sua maneira. Isso ressalta o conceito de intertextualidade pós-moderna elaborado por Hutcheon (1991), dado que é “uma manifestação formal de um desejo de reduzir a distância entre o passado e o presente do leitor e também de um desejo de reescrever o passado dentro de um novo contexto.” (p. 157). Porém, apesar de o discurso de Cândido Franco inserir-se na noção de romance histórico contemporâneo, percebe-se no estilo deste autor uma visão neo-romântica do período histórico ao qual se remete, mais precisamente apresentando aspectos de um saudosismo e nacionalismo.

Diferente do que muitos romancistas trazem em suas obras a respeito da rainha Isabel mostrando sua História de forma vaga apresentado somente seus passos como mulher caridosa e santa canonizada pela igreja católica e, de certo modo, presos aos documentos históricos, o romancista vem romper com esses que se pautam apenas a uma história resumida. Constrói um discurso diferente, começando primeiro por sua descendência familiar para então expor seus passos em conformidade com esses fatos que ocorreram em torno de sua vida, para que assim apresente ao leitor os pecados que a afetaram antes mesmo do seu nascimento. Como o próprio autor menciona:

Convenço-me que o falhanço dos trabalhos que se escrevem sobre Isabel de Aragão se deve a esse facto. Nenhum está disposto a assumir a genealogia da princesa aragonesa, dela tirando conseqüências de monta para a pintura da personagem. Apresentam-nos por isso uma Isabel inverossímil, insignificante, ridícula, postiça, tirada por uma cartilha de convenções tão artificiais como pósteras. (FRANCO, 2010, p. 21)

A narrativa tece, em diversos momentos uma crítica em relação aos que tratam da vida de Isabel de forma superficial. Mostra-nos que um discurso a respeito dessa figura para se tornar válido tem de trazer seu passado mais longínquo, sua origem gibelina e as grandes batalhas travadas pelo seu avô. Este romancista considera que a política de Jaime I e tudo o que Isabel vivenciou em sua corte tiveram forte relevância no desenvolvimento de sua formação e, conseqüentemente, em sua futura vida política. Por isso julga que os seus pecados “[...] São verdadeiros! São belos! São cintilantes! Chegam para emocionar e para dar vida à vida!”. (FRANCO, 2010, p. 19). O enredo dedica vários capítulos iniciais a apresentar uma visão da vida de Isabel quando criança, caracterizando-a com uma aparência triste e de repugnância pela vida. Isabel, ao contrário das moças que vão desabrochando com as mudanças do corpo e da vida pueril para a adolescência, não vibrou com as sensações trazidas pelo adolecer:

Passou a detestar o corpo. Por isso adoptou roupas escuras e grossas, em várias camadas, para dele se afastar. Tapava cabeça e ombros com pano e mantilha e muitas vezes usava um véu sobre a cara como as viúvas. Não tinha a mais pequena curiosidade em contemplar as partes íntimas, que lhe provocavam repugnância; além das mãos, que applicava no trabalho, ou dos pés que calejava no chão, nada queria do corpo. Ao invés de outras donzelas, nunca procurou contemplar a nudez num pedaço de metal polido. (FRANCO, 2010, p. 186)

A narrativa mostra o dia-a-dia de Isabel, voltada sempre para rezas e jejuns, dava pouca importância à beleza exterior. Desde cedo, procurou exaltar, em primeiro plano, a beleza interior, o sentimento de caridade e bondade para com os excluídos e que viviam à margem da sociedade.

Nesse sentido, o romance de Vitorino Nemésio apesar de não deixar explícito em seu romance esse aborrecimento de Isabel pela vida, tal como foi descrito por Cândido, permite-nos entender que era uma criança solitária e inconformada com inúmeras situações do seu cotidiano:

Já em pequena lhe atribuem suspiros <<pela solidão>>, o gosto das esmolas, das rezas e dos jejuns. É possível que avinhasse e fosse entendendo à sua volta o rosar dos egoísmos [...]. Isabel devia ter um rebate secreto desses desregramentos e ia criando interiormente um inconformismo de inspirada. (NEMÉSIO, 2011, p. 12-13)

Dito isto, percebemos que tanto Nemésio como Cândido Franco atribuem a Isabel essa devoção pelo culto divino, como também o gosto em ajudar as pessoas necessitadas. Foi uma criança rodeada de luxos, tal como a posição social de um descendente de casa real permitia. Entretanto, os escritos de Fernando Leite³ e Antônio de Vasconcelos dão conta, em passagens esparsas, que sempre foi uma mulher humilde.

Os dois autores dos romances em estudo seguem o que apontam os registros historiográficos ao mencionarem o pedido de casamento e o acordo feito para o matrimônio entre Isabel de Aragão e D. Dinis, o jovem rei de Portugal. Pedro III, por interesse e estratégias políticas, como de costume na Idade Média, escolhe D. Dinis, confiando que sua filha consolidaria uma importante aliança como rainha e continuaria a política do pai em Portugal. Ainda mais, por saber que Isabel era uma excelente medianeira de causas para o reino aragonês: “[...] o rei Pedro de Aragão considerou os aspectos em que se via: dum lado, as armas de Castela, do outro, as armas da França”. (LEITE, 1993, p. 49). E assim, “D. Dinis proporcionava ao rei de Aragão comodidade este casamento, porque se fazia temido de Castela”. (LEITE, 1993, p. 49).

Outro interesse relevante do rei de Aragão em casar sua filha foi perceber que como não havia relação de parentesco entre os noivos não seria necessário dispensa do papa e assim, o casamento se realizaria logo. Vitorino Nemésio (2011) aponta que a beleza de Isabel, já comentada pelos reinos da Europa, bem como a vantagem do consórcio matrimonial também para D. Dinis, recém-coroadado: “o rei já tinha decerto estas artimanhas e delícias quando mandou a Barcelona pedir a mão de Isabel. Por ora era um gesto calculado o que depois tomou bastantes raízes de amor” (p. 18). Inicialmente era apenas um acordo entre territórios, visando à busca de interesses e prestígio:

O Aragão apresentava-se como o único reino peninsular capaz de uma aliança de sangue que trouxesse segurança e prestígio. [...] Restava Aragão com as suas novas conquistas, o seu xadrez de condados e senhorios, a fama dos reis e povos que se estendiam quase até as abas de Roma [...]. (NEMÉSIO, 2011, p. 18)

Porém, ao vê-la D. Dinis “não pôde resistir talvez àquela primeira doçura derramada do lado de Isabel”. (NEMÉSIO, 2011, p. 19). Realizaram-se as doações por parte de Dinis que “[...] doava-lhe Óbidos, Abrantes e Porto de Mós com todas as suas rendas, [...] para maior

³ Consideramos o estudo de Fernando Barros Leite, se não completo, mas bem amparado por documentação histórica. Seu ensaio traz a transcrição de diversos documentos relacionados à rainha Isabel de Aragão. Dentre eles, duas cartas inéditas desta rainha para seu irmão, Jaime II: uma datada de 1314 e outra datada de 1316. Esta segunda, publicada por Félix Lopes (vide referências).

segurança fixava-lhe mais, em arras 12 castelos de Portugal [...]. Mas ao rei pareceu pouco esta doação [...] e mandou consignar dez mil libras [...]. (2011, p. 19 -20) E também por parte da família da infanta aragonesa: “[...] Pedro III legou a Isabel dez mil maravedis, além do que já lhe havia dado. [...] era o dote, nunca inferior a trinta mil libras [...]”. (NEMÉSIO, 2011, p. 20), tal como faziam de costume sempre que se tratava de acordos de casamentos entre famílias reais. O que Nemésio retrata em sua obra é a narrativa, nesse aspecto, do que ocorreu de fato, fazendo-o através da ficção.

O episódio do casamento é explorado na ficção pelos dois romancistas. Nemésio (2011) aponta que depois dos preparativos, Isabel é levada a Trancoso ao encontro do seu noivo, porém “era custoso acertar o lugar e o dia da união, levaram Isabel em cerimonial a Trancoso [...] os noivos, enfim, puderam avançar um para o outro”. (p, 27). Haviam-se passado dois anos desde a data do acordo e enfim, realizou-se o casamento entre os dois. Após o casamento permanecem em Trancoso e depois fizeram diversas viagens. Feitas as exigências matrimoniais, o encontro de Isabel e sua comitiva, em terras portuguesas, foi com o irmão de Dinis. Lá, ele realizou festejos para comemorar a aliança. Depois levou Isabel a Trancoso, ao encontro do noivo. Nemesio e Candido narram conforme a historiografia quando relatam a sua chegada às terras portuguesas. O que difere, é que Candido “romantiza” e diz que em vez do alferes-mor trazê-la ao noivo, ele mesmo foi buscá-la no carro. O que deixou a noiva surpresa pela amabilidade d recepção. Este aspecto é uma das confirmações de mencionarmos no romance de Cândido Franco as características de neo-romantismo:

Quem apareceu para surpresa de todos foi o próprio rei. Era um moço garboso, de facha cheia, onde rutilavam dois olhos cor de mel, luminosos e serenos, [...]. Foi ele que a ajudou com cuidado extremo a descer do churrião e a levou pela mão enluvada a passear [...] a primeira intenção que tivera da menina era muito do agrado. Além de rei era trovador e sabia cantar a cortesia e as leis do amor [...]. (FRANCO, 2010, p. 215).

Não só nesse momento da narrativa ao trazer para ficção a história de uma personagem real que Candido se desprende do que consta na historiografia. No tocante ao casamento estabelece relações com historiadores mais recentes, ao argumentar que a rainha dava pouca importância ao esposo, pois nos mostra em seu romance que o rei estava inteiramente apaixonado por ela e mesmo sem nada receber em troca a trata com carinho e dedicação recebendo apenas desprezo e aversão.

A biografia pertencente à coleção Reis de Portugal, cujo volume é dedicado a D. Dinis, também aponta, nas palavras de José Augusto Pizarro um certo afastamento inicial de Isabel para consolidar o casamento e manter relações sexuais frequentes, e um dos motivos poderia ser a diferença de idade, pois o rei já era um jovem mancebo, enquanto a rainha era ainda adolescente. D. Dinis

[...] tinha então 20 anos e D. Isabel completara poucos meses antes os 12 anos. Uma diferença considerável ainda hoje, sobretudo nestas idades, e mais ainda naquele tempo, quando é sabido que a vida sexual e mesmo marital começava a partir dos 14 anos. Não será por isso de espantar que o monarca, já homem feito e com uma clara apetência sexual, tivesse iniciado já a sua experiência, a este respeito, há algum tempo. Creio, aliás, que o mais velho dos seus bastardos, o Conde D. Pedro de Bracelos, poderia já ter nascido por esta altura, ou pelo menos antes de D. Isabel atingir os 14 anos, devendo ter mais de 20 anos quando acompanhou o pai na viagem a Aragão, em 1304, confirmando diplomas régios desde o ano anterior. De resto, tudo indica que os bastardos de D. Dinis já terias nascido quase todos no final da década de 90 do século XIII. (PIZARRO, 2005, p. 20).

Assim, ao desenvolver no enredo os acontecimentos de modo a mostrar que passavam os dias e o rei não conseguia consumir as visitas noturnas à alcova da rainha. Por este motivo, D. Dinis passa a se encontrar com outras mulheres com quem tem vários filhos bastardos. Cândido Franco torna-se favorável á mesma linha de raciocínio traçada pelo historiador José Augusto Pizarro.

[...] o rei se deitava com outras donas. Afirmava-se que não havia moça solteira nos povoados por onde o préstito real passava que não viesse a oferecer-se depois das folias do serão para se deitar com ele e ficar por manceba. Percebera-se há muito que a rainha era arisca e fugia de dormir com o rei [...]. (FRANCO, 2010, p. 234)

Na citação acima, há a alusão ao comportamento do rei perante o desprezo de Isabel. O romancista diante disso, diz que ao saber do envolvimento de D. Dinis com diversas mulheres, Isabel tem a consciência de não estar cumprindo com os seus deveres e se oferece para cuidar dos bastardos do esposo e os trata com muito carinho e dedicação, sendo assim, uma forma de fugir do esposo. Nesse romance o autor argumenta que Isabel sempre foi apresentada em outros escritos como a mulher sofrida e traída, todavia conforme seu discurso só houve traição por parte do esposo por causa do desprezo que sofria por parte dela. Ele apresenta alguns diálogos entre a rainha Isabel e D. Dinis, nos quais está explicitada a aversão que a rainha sentia ao pensar em cumprir com os deveres matrimoniais de mulher, conforme se constata no excerto a seguir:

[...]
– Não me sinto aprontada para tão duro dever.
– Duro, senhora Mostrar-vos-ei as delícias de que Salomão fala no seu Cântico maior.... Dar-vos-ei a beber a água mais pura e fresca que ainda bebestes.
– Cuidai da minha idade senhor!
– Outras mais novas já ardem por ser adoradas como as gazelas misteriosas do deserto que vêm beber no meio da verdura.
– Senhor, dai-me duas luas. Tende paciência [...]. (FRANCO, 2010, p. 225)

O que se percebe é a insistência do rei em tomar por esposa sua amada, porém, a rainha apresenta-se convicta de sua decisão mantendo-se irreversível a aceitar o amor oferecido pelo rei. Assim, em decorrência da indiferença demonstrada por Isabel que Candido defende a postura de D. Dinis quanto às relações extraconjugais e os diversos filhos bastardos. Argumenta que ele tentou convencê-la de aproximar-se dele, porém cada vez que tentava se angustiava e por isso, “Deu de barato o caso e espaçou ainda mais as visitas. Via-se que o rei andava de espírito noutros negócios e que pouco se importava agora na rainha”. (FRANCO, 2010, p. 234). O rei sentindo a necessidade de um herdeiro para a sucessão do trono e de diversos filhos para realizar acordos entre territórios envolve-se com diversas barregãs, já que a esposa não lhe dava filhos. Em relação a esse fato Candido expõe um discurso diferente do de Nemésio – que toma a defesa da rainha – ao se apresentar partidário da causa de D. Dinis:

Em geral, a rainha é apresentada como a vítima da leviandade e das traições do rei; até a fizeram padroeira das mulheres traídas. Não é verdade! O rei é que foi sacrificado pela frieza e falta de paixão da rainha. Faça-se justiça de uma vez por todas do rei poeta e à alta temperatura do seu sentimento [...]. (FRANCO, 2010, p. 239)

Aqui, percebemos que este autor se afasta da historiografia, que apresenta Isabel como sofredora pelas traições do esposo, mas também assume uma defesa explícita do rei, diferindo de outros romancistas que defendem a postura sofrida e complacente da rainha ante

a deslealdade e sua paciência em lidar com essa humilhação: “Pobre Dinis! [...]. Na história desse desencontro tu é que sofreste a sério; Isabel foi verdugo, não vítima. É mais um passo que anda muito mal contado na História, ao lado de tantos outros”. (FRANCO, 2010, p. 242). Nesse fragmento, vemos que Candido Franco estabelece uma forte crítica aos romancistas que se prendem unicamente a resgatar a figura de Isabel sem propor nenhum questionamento sobre sua história real.

Vale ressaltar que quanto às relações extraconjugais, no romance *Isabel de Aragão Rainha Santa*, Nemésio aponta D. Dinis como um homem que vivia de farras e que tinha várias outras mulheres e também filhos bastardos. Não menciona a posição destes, somente a posição de Mordomo-Mor de Afonso Sanches, por quem tinha forte afeição. “El-Rei tomara por barregã fulana ou Sicrana. Agora era Aldonça da Telha, Marinha Gomes, D. Garcia de Sacavém; logo, Maria Pires e Branca Lourenço. Quase se esgotavam os nomes que se dão na pia às fêmeas”. (NEMÉSIO, 2011, p. 43).

Outro aspecto que também se pode perceber no romance de Nemésio é que Isabel foi uma rainha de forte relevância para Portugal. Atuou em questões de diplomacia quando intervém na legitimação das sobrinhas, motivo de desavenças entre o cunhado D. Afonso e o marido. É sempre destacada por todos os que estudam sua biografia como forte interventora nas questões de atrito e sérios problemas políticos entre o filho Afonso e o D. Dinis. Além disso, é importante salientar que a rainha Isabel foi de extrema importância ao meio eclesiástico, pela proteção às ordens religiosas. Conforme Gimenez:

[...] uma vez que, segundo os cronistas e hagiógrafos, depois do casamento, a rainha viveu entre as intrigas da corte, o ciúme das damas, as rivalidades amorosas, as acusações de adultérios que recaíam sobre sua pessoa e a do rei e, principalmente, entre sua fé e suas orações como único meio para solucionar as conturbações políticas por que passava o reino português naquela época [...]. (GIMENEZ, 2005, p. 17).

Apesar de Isabel passar por dificuldades, tanto relacionadas à política como também familiares, ela não se desvinculava da religião, pois através da fé e da oração encontra conforto para as conturbações que lhe afetavam. Disso resulta a afeição, e a imagem de mulher perfeita que muitos a atribuem, por ter sido exemplo de esposa dedicada, mãe perfeita e acima de tudo pacífica, que em tudo que faz inspira amor e santidade. Essas características fizeram com que fosse admirada e conhecida pelo povo português. Nesses aspectos é que se justifica apontarmos, no título dessa comunicação, Isabel como santa, pois são características como essas e, ainda, seu perfil de mulher imensamente piedosa para com os pobres e os doentes, que se somam a outras, sempre a apontarem uma mulher piedosa, uma rainha voltada para a caridade.

É, portanto, a partir da morte de D. Dinis que a figura de Isabel será exaltada como santa, em virtude de sua dedicação aos necessitados, bem como aos filhos bastardos do esposo, os quais aceitou e cuidou sempre tentando estabelecer a paz, por isso “[...] Fazia oração pela emenda do marido, mostrando-lhe afagos e modos cariciosos, bem diferentes dos que El-rei para com ela usava. Mandava trazer [...] os bastardos e mandava-os criar com muito cuidado [...]”. (LEITE, 1993, p. 150). Aqui vemos que há um desprezo por parte de D. Dinis pela esposa, não dava-lhe atenção e ela sempre o tratava com carinho e amor.

Outra característica dos relatos históricos também apontados pelo romance de Nemésio, é que Isabel não se deixou influenciar pelos faustos hábitos da corte e sempre preferiu as rezas e a caridade, dedicando-se aos que precisavam de sua ajuda, “Orava sem cessar [...], sofria em silêncio”. (LEITE, 1993, p. 150). Apesar de esposa dedicada Isabel

sofria com as traições de D. Dinis e por aceitar e não provocar inimizades por causa disso, conforme Gimenez:

Mais que um ato de santidade ou uma característica da amabilidade da Rainha para com os bastardos de Dinis, é possível afirmar que suas atitudes constituíam-se também numa prática política reservada às muitas damas e rainhas do seu tempo [...]. (2005, p. 84-85)

Esse aspecto de bondade citado acima se observa no perfil histórico de Isabel, e também como é retratado por Vitorino Nemésio, é a postura sempre diplomática que exercia no meio em que vivia. Além disso, a rainha Isabel fez várias obras, como construção de hospitais, mosteiros, capelas e doações para muitas instituições para ajudar aos pobres, como também se dedicava completamente a religião. Isso lhe configura o caráter de mulher bondosa e santa.

No romance *Isabel de Aragão Rainha Santa* o narrador ainda menciona um fato marcante na vida da rainha, o famoso episódio da mulinha: “sozinha, D. Isabel atravessou os campos de Alvalade (ou de Lumiar ou de Loures) onde já se defrontavam os dois exércitos inimigos” (CIDRAES).⁴ Este episódio refere-se a uma das suas intervenções como pacificadora, na tentativa de evitar uma guerra já para se iniciar no campo de batalha entre as hostes do esposo e as do filho. Um dos momentos marcantes da narrativa de Vitorino Nemésio, em que a concisão não altera a dinâmica da narrativa. A imagem da rainha montada em uma mula atravessando o campo de batalha mostra tem a conotação de mostrar ao leitor o quão importante foi seu papel nessas lides medievais pelo poder entre D. Dinis e D. Afonso:

Mas não era passado um ano quando vieram cavaleiros de Santarém dizer que D. Afonso se dirigia a Lisboa com todo o seu peso de gentes. El-rei respondeu que, se o filho se não contivesse, lhe sairia ao caminho como da outra vez [...]. O infante estendeu uma asa da hoste ao longo do Lumiar; El-rei desdobrou a sua nas terras do Campo Grande. Ferveram as primeiras pedradas. E estavam no melhor da refrega [...] quando se viu uma mula com andas de mulher passar na estrema dos campos. Não se distinguia o vulto que trepidava consoante o tropicar da cavalgadura; o pó amarelo, picado pelos virotões na terra talada, ardia; os olhos recusavam-se a crer. Para ser a Rainha, à rédea não ia ninguém. Mas de repente a lasca de uma pedra de funda tiniu ao pé da barbela; a mula encandeada, rodou sobre si mesma, [...]. Isabel estendeu a mão em sinal de segurança e de paz aos primeiros que lhe acudiram”. (NEMÉSIO, 2011, p. 58-59)

Percebemos, no excerto, a caracterização de um acontecimento marcante na vida da rainha Isabel, retratado por meio da ficção. É um trecho no qual se ressalta o caráter diplomático de Isabel em manter, a todo custo, a paz e a união entre os entes familiares, pois enfrenta um exército para conciliar o marido e o filho desavindos.

Conforme mencionamos antes, Isabel foi criada numa corte em que os meandros e os jogos políticos aconteciam a todo instante. Cresceu sabendo da história de sua família e de quantas cabeças gibelinas foram decepadas Europa adentro. A escolha pelas rezas e os jejuns não a tornou alienada e submissa aos dogmas católicos, como muitos pensam ou como assentam alguns escritos hagiográficos. E nisto, a tinta de António Cândido Franco faz jus, como metaficção historiográfica, a desmistificar uma imagem de uma mulher que só viveu

⁴ Disponível em: <http://www.aaaio.pt/public/ioand206.htm>

para a caridade dos pães aos pobres, aos doentes, à construção de hospitais e mosteiros. Ele refigura Isabel mostrando a inteligência e vivacidade política que também revestiam sua personalidade:

É esta Isabel que foi educada com a tolerância no domínio da religião que me interessa, por ser a mais verdadeira; é ela que é preciso desenterrar do lixo em que a entulharam séculos de farsa e impostura. É ela que está próxima de nós. Habitue-se pois o leitor à heterodoxia de Isabel, onde reside o inesperado da sua figura. A heterodoxia é uma alteridade e nesse sentido só a surpresa dela resulta. (FRANCO, 2010, p. 172).

Cabe salientar que as questões políticas são assuntos menos citados e comentados quando se trata das figuras femininas da Idade Média. Todas as estratégias políticas e toda a diplomacia é, na maioria das vezes, relacionada aos homens: aos reis, nobres, clérigos. Pois não é apenas como mãe que Isabel de Aragão interviu nas batalhas - sim, porque aconteceram várias - entre o marido e o filho, por conseguinte à predileção do esposo ao filho bastardo mais velho. Sua condição diplomática, pouco ressaltada ao longo da História em função da grande aura religiosa que ela adquiriu, principalmente após a canonização, está registrada em diversas cartas, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, conforme apontam os historiadores consultados nesse estudo. Exemplos disso são algumas das cartas que ela enviou ao seu irmão, Jaime, quando este era já rei de Aragão e ela rainha consorte de Portugal.

Em termos de considerações finais, é interessante ressaltar essa figuração de Isabel nos romances mencionados, de forma que se permitem, Cândido Franco e Nemésio, uma reelaboração dos fatos referenciais, sem que eles sejam apagados, porém, modificados para recontarem uma história que não é a História. Isto porque, segundo Hutcheon:

[...] os intertextos da história assumem um *status* paralelo na reelaboração paródica do passado textual do 'mundo' e da literatura. A incorporação textual desses passados intertextuais como elemento estrutural constitutivo da ficção pós-modernista funciona como uma marcação formal da historicidade – tanto literária como 'mundana' (HUTCHEON, 1991, p. 163).

Nesse sentido, comprovamos que o assunto do enredo romanesco é a História oficial. Enfim, toma o tema histórico como ponto de partida para a narração, pois naquilo que bem afirmou Hutchen (1991), tanto a História como a ficção são gêneros permeáveis. O romance histórico contemporâneo é prova cabal disto.

REFERÊNCIAS

BENEVIDES, Francisco da Fonseca. *Rainhas de Portugal*. Lisboa: Marcador, 2011. (Col. Factos históricos).

FRANCO, António Cândido. *Os Pecados da Rainha Santa Isabel*. 1 ed. Ésquilo, 2010

ESTEVES, António R. *O romance histórico brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

GIMENEZ, José Carlos. *Rainha Isabel nas estratégias políticas da Península Ibérica : 1280-1336*. Tese de doutoramento. Departamento de História. Curitiba, Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2005.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991, p. 141-289

LEITE, Fernando Barros. *O rei D. Dinis e a rainha santa Isabel*. Lisboa: Edição do autor, 1993.

MARINHO, Maria de Fátima. *O Romance histórico em Portugal*. 1 ed. Porto: Campo das Letras, 1999.

NEMÉSIO, Vitorino. *Isabel de Aragão rainha santa*. 1 ed. Alfragide: Leya, 2011.

PIZARRO, José Augusto de Sotto Mayor. *D. Dinis*. Porto: Círculo de Leitores, 2005. (Col. Reis de Portugal, v. VI).

VASCONCELOS, António de. *Rainha santa Isabel* (parte I). Culto antes da canonização. Coimbra: Alma Azul, 2005.

_____. *Rainha santa Isabel* (parte II). Culto depois da canonização. . Coimbra: Alma Azul, 2006.

RECEBIDO EM 01-05-2013
APROVADO EM 30-05-2013